

Rússia toma cidade estratégica; plenário da ONU condena invasão



Ucraniana segura filho recém-nascido em maternidade improvisada em porão de hospital de Kiev em meio a bombardeios russos. Lynsey Addario/The New York Times

Putin já redesenha o mapa da Ucrânia enquanto Kiev espera cerco ou assalto

Tomada de Kherson estabelece controle no sul e facilita ponte terrestre da Crimeia ao Donbass

Igor Gielow

SÃO PAULO Enquanto bombardeios se intensificam em torno de Kiev e Kharkiv, as duas principais cidades da Ucrânia, as forças russas começam a redesenhar o mapa do país vizinho com a tomada de Kherson, ao sul do país. O anúncio foi feito pelo Ministério da Defesa em Moscou. Kherson passou aproximadamente 24 horas sob intenso bombardeio, o que deve ter gerado elevadas baixas civis, dando assim uma medida do cerco que se forma em torno da capital ameaçada.

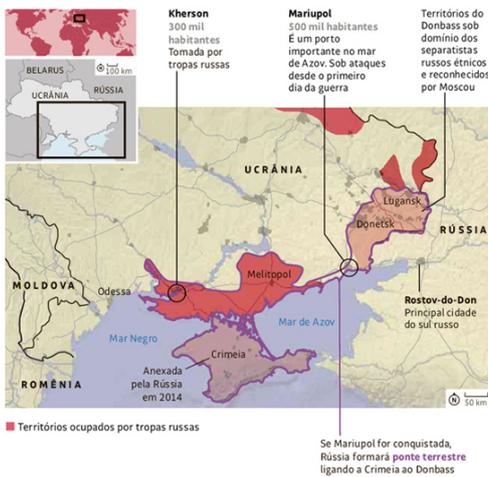
Kiev disse que ainda lutava pelo controle da cidade, apesar de relatos de membros do próprio governo ucraniano de que a cidade caiu e imagens em redes sociais de soldados russos em patrulha no local. No começo da noite (tarde no Brasil), admitiu a derrota. É o primeiro centro de porte razoável que Vladimir Putin terá tomado em sua campanha, iniciada na madrugada do dia 24. Com 300 mil habitantes antes da guerra, é o principal ponto ao norte da península da Crimeia, anexada sem conflito pelo presidente russo em 2014.

Com o controle estendido dos separatistas pró-Rússia, em guerra civil desde aquele ano, às áreas históricas do chamado Donbass, falta apenas a conquista da região de Mariupol para estabelecer uma ponte terrestre ligando a Crimeia ao leste russo da Ucrânia.

Até antes da guerra, o único acesso terrestre da Rússia à área anexada era a gigantesca ponte rodoferroviária da Crimeia, inaugurada por Putin sentado ao volante de um caminhão em 2018. Mas a península sofriria dificuldades, com seu acesso à água potável cortado pela Ucrânia — as tropas russas agora explodiram a represa que impedia o fornecimento.

Mariupol, com 500 mil habitantes, fica a noroeste, a 150 km da principal cidade do sul russo, Rostov-do-Don. Ela foi atacada desde o primeiro dia da guerra e é um porto importante no mar de Azov.

Como seria a ponte terrestre no sul da Ucrânia



Quase 90% da produção mundial de gás não passa por aquela região, por exemplo. A Rússia conseguiu um rápido contato com um morador da cidade nesta manhã de quarta-feira (2), já quase meio-dia por lá. Ele, que não permite ser identificado, afirmou que sua família conseguiu fugir para Rostov-do-Don na sexta (25), quando os bombardeios apenas começavam. De acordo com seu relato, a cidade está com a comunicação intermitente, explosões por todos os lados e moradores escondidos em porões e abrigos. Ninguém sabe o que está acontecendo direito, mas supõe que as forças russas estão prestes a tomá-la. Se cair, a região toda vai junto, e a ponte terrestre estará formada, com sérias implicações. Este é o sonho dos nacionalistas mais radicais russos.

Em 2014, queriam que Putin anexasse o Donbass e fizesse exatamente o que parece estar fazendo agora, criando uma fantástica região chamada Novorossia, ou Nova Rússia. À época, o presidente russo se contentou com a anexação da Crimeia, de resto uma região historicamente parte da Rússia, e em fomentar a guerra civil que mantém a Ucrânia afastada da viabilidade como Estado pleno. Logo, impedida de entrar na Otan, a aliança militar ocidental, e na União Europeia. Esse são os dois objetivos que os Estados Unidos, pelo quais ele mobilizou quase 200 mil de seus 900 mil soldados em quatro meses em torno do vizinho. Exigiu que o líder do Ocidente, se compromettessem a não expandir a Otan mais para o leste.

Essa é sua obsessão geopolítica desde que Washington traiu as promessas de manter algum equilíbrio na Europa após o fim da União Soviética. Obviamente isso seria inaceitável, e o Ocidente começou a denunciar a invasão. Praticamente todos os analistas mais ponderados afirmavam não acreditar na possibilidade, dado que seria ilógico a Putin empregar brutalidade contra o povo que diz ser irmão do russo. "Concluí que a invasão era um blefe criado para a oportunidade de um golpe brando [contra a Ucrânia]. Não atiquei minha própria teoria, fracassei em ver sua fraqueza. Ignorei dados contrários à minha posição. Desculpe-me", escreveu o papa da geopolítica americana, George Friedman, da consultoria Geopolitical Futures.

Desde o início da guerra, foram...

- 498 soldados russos mortos, segundo Moscou
- 6.000 soldados russos mortos, na versão de Kiev
- 2.000 civis ucranianos mortos, de acordo com Kiev
- 6.500 pessoas detidas em manifestações antiguerra na Rússia, segundo o OVD-Info
- mais de 934 mil ucranianos que deixaram o país, segundo as Nações Unidas

Segunda rodada de diálogo Moscou-Kiev é adiada para hoje

A segunda rodada de negociações entre Rússia e Ucrânia, prevista inicialmente para esta quarta-feira (2), deve ocorrer na quinta (3) em Belarus. A informação foi dada pela agência de notícias russa Tass, citando o chefe da delegação de Moscou na negociação, Vladimir Medinski. Segundo Medinski, a Rússia espera que autoridades ucranianas cheguem a Belarus nesta quinta, quando um cessar-fogo deverá ser discutido. Ainda de acordo com a agência Tass, o Exército russo fará um corredor de segurança para a delegação da Ucrânia.

Ao norte, a noite manteve a rotina de ataques isolados a posições em torno de Kiev e Kharkiv, com um crescente relato de baixas civis. Está cristalizada a noção de que um cerco substancial, não os ataques do tipo "atire e corra" da primeira fase da guerra, está se formando na capital.

Por volta das 23h de quarta (16h em Brasília), uma grande explosão foi ouvida perto da estação central de Kiev. Segundo relatos, foi atingida uma linha de aquecimento central.

Se é para de fato usar todo o poder de fogo à disposição, obliterando Kiev como os nazistas fizeram em 1941, ou para tentar forçar a renúncia do governo, essa é a decisão. O presidente do país, Volodimir Zelenski, voltou a dizer que vai resistir e que espera um ataque brutal nas próximas horas ou dias. "Eles [os russos] querem nos apagar", afirmou, ecoando o discurso oficial ucraniano de que a ação russa é genocida. O Pentágono disse a repórteres americanos que a grande coluna blindada que vem da Belarus em direção a Kiev segue parada, mas a essa altura isso parece mais um sinal de preparação do que de problemas com combustível.

Pela primeira vez, a Defesa russa confirmou que perdeu soldados, 498 deles, além do triplo de feridos. Zelenski fala que foram 6.200, e nenhum dado é aferível. Do lado civil ucraniano, a informação oficial é de 2.000 caídos.

Depois de muito vaivém, o governo em Kiev anunciou que irá conversar nesta quinta (3) com a delegação russa que está na Belarus para discutir a guerra na Ucrânia. O encontro, o segundo entre os dois países, havia sido adiado, mas agora foi reconfirmado — até segunda ordem, ao menos.

A Ucrânia suspeita que os russos só estão ganhando tempo. Seu negociador chefe, por exemplo, é Vladimir Medinski, um ex-ministro da Cultura sem experiência alguma em diplomacia e conflito. No campo econômico, a pressão sobre Moscou só faz crescer. Nesta quarta, o maior banco do país teve de fechar suas atividades da Europa e novas medidas contra a venda de petróleo russo foram anunciadas pelos EUA. Na véspera, a empresa formada na Suíça para gerir os contratos do gasoduto Nord Stream 2, que foi suspenso pela Alemanha como retaliação apesar de Berlim defender de gás natural russo, faliu.



Representantes de países membros das Nações Unidas acompanham votação durante sessão extraordinária da Assembleia Geral, em Nova York. Timothy A. Clary/AFP

Com apoio do Brasil, ONU aprova moção contra Rússia

Resolução votada pela Assembleia Geral da entidade pede retirada de tropas

Rafael Balago

WASHINGTON A Assembleia Geral da ONU aprovou nesta quarta (2) uma resolução condenando a invasão da Ucrânia pela Rússia, por 141 votos a favor, 5 contra e 35 abstenções.

Votaram contra Belarus, Coreia do Norte, Eritreia, Rússia e Síria. O grupo que se absteve inclui China, Índia, África do Sul, Irã, Cuba, El Salvador, Nicarágua, Sudão e Uganda, entre outros.

A resolução foi proposta por 95 dos 193 países da ONU. O Brasil não foi um dos proponentes, mas votou a favor.

Doze países não votaram por faltarem à sessão ou porque estão com o direito ao voto suspenso, como governos com divisões nas contribuições à ONU.

Além de condenar a invasão da Ucrânia, o documento reafirma que nenhuma aquisição de território por ameaça ou uso de força deve ser reconhecida legal, e expressa preocupação com ataques civis.

A resolução reafirma a independência da Ucrânia e sua integridade territorial,

deplora a agressão da Rússia e pede que Moscou retire as forças da Ucrânia imediatamente, além de lamentar o envolvimento de Belarus.

Mas a Assembleia não pode aplicar sanções ou enviar missões de paz, só o Conselho de Segurança. Essa instância é formada por 15 países, cinco dos quais com assentos permanentes com poder de veto e dez em vagas rotativas — o Brasil detém uma posição temporária. Como a Rússia é membro fixo, pode barrear medidas contra si mesma.

A resolução visa deixar claro aos demais países veem as ações russas mostrar o isolamento internacional do país.

141 a 5

foi o placar da votação nesta quarta (2) sobre invasão da Ucrânia

100 a 11

foi o resultado de votação em 2014 a favor de resolução contra anexação da Crimeia pela Rússia

Em 2014, a Assembleia aprovou resolução condenando a anexação da Crimeia, que até então era parte da Ucrânia, pela Rússia. Naquele ano, 100 países apoiaram a medida, 11 foram contra e 55 se absteram.

A resolução atual foi aprovada em reunião emergencial da Assembleia, a 11ª convocada desde 1945. O encontro começou na segunda-feira (28) e já teve discursos de mais de 120 representantes.

Falando após votar, Ronaldo Costa Filho, representante brasileiro, disse que a medida foi bem-vinda, mas fez ponderações. "A resolução não vai longe o suficiente em ressaltar que o fim das hostilidades é só um primeiro passo para atingir a paz. A paz sustentável precisa de passos adicionais. A paz requer mais do que silenciar as armas e retirar tropas. Requer trabalho amplo sobre as preocupações de segurança das partes. A única precondição deveria ser um cessar-fogo imediato", defendeu ele.

"A resolução não pode ser vista como permissiva em relação à aplicação indiscriminada de sanções e do envio de armas. Essas iniciativas não são condizentes com a retomada do diálogo diplomático construtivo. E geram risco de maior escalada das tensões, com consequências imprevisíveis", acrescentou.

Na segunda (28), também na Assembleia, ele havia questionado o envio de armas, mas condenou a invasão russa e pediu um cessar-fogo. "O enfraquecimento dos Acordos de Minsk por todas as partes e o descrédito das preocupações com a segurança vocalizadas pela Rússia prepararam o terreno para a crise que estamos vendo. Deixe-me ser claro, no entanto: esta situação não justifica o uso da força contra o território de um Estado membro", disse na ocasião.

Entretanto, o presidente Jair Bolsonaro (PL) tem defendido que o país mantenha a neutralidade diante do conflito. Ao justificar a abstenção, o representante da China, Zhang Jun, ponderou que a resolução não leva em consideração a história e a complexidade da situação atual. "A resolução da

Países que não apoiaram resolução

Votaram contra (5)

Belarus
Coreia do Norte
Eritreia
Rússia
Síria

Abstiveram-se (35)

África do Sul
Argélia
Angola
Armênia
Bangladesh
Bolívia
Burundi
Cazaquistão
China
Congo
Cuba
El Salvador
Guiné Equatorial
Índia
Irã
Iraque
Laos
Madagascar
Mali
Mongólia
Moçambique
Namíbia
Nicarágua
Paquistão
República Centro-Africana
Quirguistão
Senegal
Sri Lanka
Sudão
Sudão do Sul
Tadjiquistão
Tanzânia
Uganda
Vietnã
Zimbábue

crise na Ucrânia requer abandonar a mentalidade da Guerra Fria, a lógica de garantir a segurança de um às custas da segurança dos outros e a busca de segurança regional por meio da expansão de blocos militares", discursou ele.

Zhang também criticou as medidas contra a Rússia. "Exercer pressão cegamente, impor sanções e criar divisão e confronto só irá complicar mais a situação e resultar em um transbordamento rápido da crise, que afetará mais países."

Em um último apelo antes da votação, Serguei Kislitsia, representante da Ucrânia na ONU, voltou a comparar as ações da Rússia com as da Alemanha nazista. "Eles [soldados russos] vieram resolver o que chamam de 'problema ucraniano'. Há mais de 80 anos, outro ditador tentou resolver de forma final o 'problema' de outro povo. Ele falhou porque o mundo respondeu de forma unida".

O representante ucraniano também acusou a Rússia de conduzir um genocídio em seu país. "É fácil assinar a Carta das Nações Unidas em tempos de paz. Venha assiná-la em tempos de guerra" disse Kislitsia.

Ao pedir voto contra a resolução, o representante russo na ONU, Vasilii Nebenzia, disse que a maioria dos países sofre pressão de potências do Ocidente para se posicionar contra a Rússia. Ele voltou a acusar o governo ucraniano de perseguir a própria população. "Votar contra a resolução é votar por uma Ucrânia livre do radicalismo e do neonazismo", afirmou Nebenzia.

Uma das últimas a falar antes da votação, a embaixadora dos EUA na ONU, Linda Thomas Greenfield, disse que Moscou está se preparando para aumentar a brutalidade de sua campanha militar na Ucrânia. "A Rússia está destruindo serviços vitais que levam gás e água potável para a população. Agora, parece que está se preparando para aumentar a brutalidade", disse, citando vídeos que mostram forças russas transportando armamentos que, segundo ela, são banidos pela Convenção de Genebra.

Durante a votação, os representantes de países como Alemanha, Luxemburgo, Guatemala e Estônia colocaram bichinhos de pelúcia e brinquedos em suas mesas. "A crucial resolução de hoje apoia uma ordem de regras e valores que servem à paz, também para as futuras gerações. A invasão é uma ameaça real para as crianças, já presente na Ucrânia, mas potencialmente além dela", explicou a missão da Alemanha na ONU, em um tuíte.

Noite, horas após a decisão, o presidente americano Joe Biden disse que a extensão da indignação global com a terrível invasão da Rússia a um vizinho soberano e mostra uma unidade global sem precedentes.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 11 e 12